



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN**  
**CAMPUS AVANÇADO DE PATU – CAP**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – DLV**  
**CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS**

**JÉSSICA DOS SANTOS COSTA**

**A REPRESENTAÇÃO DA TRADIÇÃO PATRIARCAL EM *UMA APREDIZAGEM***  
***OU O LIVRO DOS PRAZERES*, DE CLARICE LISPECTOR**

**PATU/RN**  
**2023**

**JÉSSICA DOS SANTOS COSTA**

**A REPRESENTAÇÃO DA TRADIÇÃO PATRIARCAL EM *UMA APREDIZAGEM*  
*OU O LIVRO DOS PRAZERES*, DE CLARICE LISPECTOR**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Ma. Maria Lara Alves Rocha

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

**Catálogo da Publicação na Fonte.**  
**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

C837r costa, Jéssica dos santos  
A REPRESENTAÇÃO DA TRADIÇÃO PATRIARCAL EM  
UMA APREDIZAGEM OU O LIVRO DOS PRAZERES, DE  
CLARICE LISPECTOR. / Jéssica dos santos costa. -  
Universidade Do Estado Do Rio Grande Do Norte Uern,  
2023.  
37p.

Orientador(a): Profa. M<sup>ª</sup>. Maria Lara Alves Rocha.  
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em  
Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Mulher, Patriarcado, Poder/posição, Clarice  
Lispector. I. Rocha, Maria Lara Alves. II. Universidade do  
Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

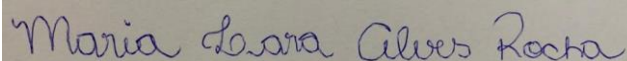
O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

**JÉSSICA DOS SANTOS COSTA**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Campus Avançado de Patu - CAP, Departamento de Letras, como requisito obrigatório para obtenção do título de graduação em Letras Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas.

Aprovada em: 03 de abril de 2023.

Banca examinadora



---

Prof.<sup>a</sup> Ma. Lara Alves Rocha  
Universidade Do Estado Do Rio Grande Do Norte – UERN



---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Annie Tarsis Morais Figueiredo  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN



---

Prof.<sup>a</sup>. Ma. Sidileide Batalha do Rêgo  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

A palavra é meu domínio sobre o mundo.

(Clarice Lispector)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por estar presente em todos os momentos da escrita deste trabalho.

Aos meus pais, dedico este trabalho, pois sem eles jamais teria tido a oportunidade de estudar. Dedico especialmente a minha mãe, que sempre esteve ao meu lado em todos os momentos.

À minha orientadora, Lara Rocha, agradeço imensamente pela disponibilidade e apoio desde o início do projeto.

Sou grata também aos professores do curso de Letras do CAP-UERN, pelos ensinamentos e contribuições ao meu aprendizado.

À banca examinadora, agradeço pela disponibilidade em contribuir com o trabalho.

À Andreza Ferreira, que esteve presente na minha banca de projeto, agradeço pelas contribuições valiosas.

Agradeço especialmente à professora Sidileide Batalha, por apresentar Clarice Lispector e me fazer mergulhar no mundo da literatura.

E, por fim, aos meus colegas Rizioneide, Lívia e Lucas, que estiveram sempre comigo, o apoio e a parceria foram fundamentais para a conclusão deste trabalho.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a obra *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*, de Clarice Lispector, com foco na relação de poder e posição perante a personagem Lóri. Inicialmente, é abordado o patriarcado presente na obra, assim como a dinâmica de comando e obediência por parte do companheiro de Lóri. Para embasar a análise, foram utilizados pressupostos teóricos de autores como Arrais (2020), Aguiar (2006), Bourdieu (2012), Narvaz e Koller (2006), Jacome (2008), Campos (2020) e Narvaz (2005). A partir da análise, é possível identificar as marcas do patriarcado sobre a mulher e seu corpo, que é visto apenas como um objeto de satisfação e prazer para o homem. Esta concepção é vista como algo natural, um padrão que se faz presente na sociedade desde os primórdios historicamente, as mulheres foram oprimidas e submissas aos homens, sendo que a sociedade impôs o papel de dona de casa, reprodutora e submissa, sem privilégios e vista como inferior em relação ao homem. Observa-se que a pesquisa analisada traz um paralelo com a sociedade em que vivemos, reforçando a necessidade de refletir sobre a posição da mulher no âmbito social, e cultural que se faz presentes em nossos dias

**Palavras-chave:** Mulher, Patriarcado, Poder/posição, Clarice Lispector.

## ABSTRACT

This paper aims to analyze the work "An Apprenticeship or The Book of Pleasures", by Clarice Lispector, focusing on the relationship of power and position towards the character Lóri. Initially, the oppressive and submissive patriarchy present in the work is addressed, as well as the dynamics of command and obedience on the part of Lóri's companion. To support the analysis, theoretical assumptions of authors such as Arrais (2020), Aguiar (2000), Bourdieu (2012), Narvaz and Koller (2006), Jacome (2009), Campos (2022) and Narvaz (2005) were used. From the analysis of the work, it is possible to identify the oppressive and submissive marks of patriarchy on the woman and her body, which is seen only as an object of satisfaction and pleasure for the man. This conception is seen as something natural, a pattern that has been present in society since the beginning of time. Historically, women have been oppressed and submissive to men, with society imposing the role of housewife, reproductive and submissive, without privileges and seen **as inferiores** to men. It is observed that the analyzed work brings a parallel to the society we live **in reinforcing** the need to reflect on the position of women in society and combat the oppression and submission that are still present in our days.

Keywords: Woman, Patriarchy, Power/position, Clarice Lispector.



## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>8</b>
<b>2 O PATRIARCADO E O MODO OPRESSOR DO SUJEITO MASCULINO SOBRE O SEXO FEMININO.....</b>	<b>11</b>
<b>2.1 O sujeito masculino e a dominação sobre a mulher.....</b>	<b>11</b>
<b>2.2 o patriarcado presente na condição social da mulher.....</b>	<b>14</b>
<b>2.3 a mulher e a opressão diante do sexo masculino.....</b>	<b>17</b>
<b>3 A REPRESENTAÇÃO PATRIARCAL: ANÁLISE NA OBRA UMA APRENDIZAGEM OU O LIVRO DOS PRAZERES DE CLARICE LISPECTOR.....</b>	<b>19</b>
<b>3.1 Clarice Lispector: e a sua voz na literatura.....</b>	<b>19</b>
<b>3.2 A representação patriarcal e o poder/posição a partir da personagem “Lóri” .....</b>	<b>21</b>
<b>3.3 O patriarcado, o sexo feminino e a sua insuficiência diante do sujeito masculino.....</b>	<b>28</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>34</b>
<b>5 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>36</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura exerce uma função primordial na sociedade. Ela carrega uma vasta bagagem de conhecimento que permite enxergamos o mundo de uma forma diferente. Podemos, a partir dela, termos um olhar mais crítico e humano sobre os determinados estudos na representação da sociedade. Além disso, ela traz consigo elementos fundamentais que apresentam e representam a realidade de uma determinada maneira, sobretudo voltada para o contexto social, como também para o modo construtivo de forma edificante e cultural. Dessa forma, busca mostrar reflexões a respeito do contexto em geral, por meio de pontos de vistas, a obra literária se torna de suma valia para adentrar de maneira crítica e expor fatos sobre uma determinada sociedade.

Historicamente, as mulheres sempre foram sujeitas, na maioria das vezes, ao passivo, ou seja, foram trancadas dentro do lar, sendo reservadas e limitadas àquele ambiente, um ser totalmente submisso ao mentor do seu lar. Pode-se observar, pois, que o papel feminino na sociedade foi, em muito, ditado pela forma patriarcal de maneira complexa e criteriosa para com a construção familiar. Sabemos que o patriarcalismo em si, ocorre a partir do sujeito masculino, o homem, tem um poder de posição e privilégios no meio social, inigualável.

Todavia, este trabalho carrega consigo a relevância acadêmica da crítica feminista, visando adentrar com reflexões sociais em busca de uma visão de mundo conceituada. Nesse sentido, foi abordada a temática das implicações da cultura patriarcal na obra *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*, de Clarice Lispector, uma das maiores escritoras da literatura brasileira do século XX. Com seus grandes romances e uma linguagem poética elevada, a autora aborda fatos tipicamente relevantes por meio de dois personagens: Ulisses, um sujeito arrogante e opressor, e Lóri, professora do primário. No decorrer do romance, Lóri conhece um professor universitário que dita como a personagem deverá agir perante ele, a fim de que ela se entregue ao sujeito, de corpo e alma.

De tal modo, o romance mencionado, escrito por Clarice Lispector, aborda traços típicos de um patriarca com o efeito de epifania durante a obra. a autora se volta para o feminismo na contemporaneidade por meio de formas psicológicas com as quais os personagens se envolvem e como o ser masculino molda a mulher dentro de uma determinada cultura. A partir desses preceitos, na nossa análise, optamos pelo intuito de evidenciar como a mulher era vista e moldada na sociedade pelo sujeito masculino no século XX.

Nosso *corpus* de pesquisa foi composto pelo livro em si, bem como por conversas moralistas do personagem Ulisses, para com a sua companheira Lóri. Que remetem ao sujeito feminino, além de teorias e teóricos acerca da temática. Buscamos, desse modo, mostrar como o patriarcado se faz presente a todo momento na representatividade de maneira geral. Pretende-se mostrar, nesse contexto, que a análise foi embasada teoricamente, possibilitando tanto os textos descritivos como os interpretativos e as representações que estavam contida, tendo em vista as construções a partir do determinado sujeito patriarca. Com isso, percebe-se que, mesmo após algum tempo, pouca coisa mudou e que, na sociedade atual, as mulheres lutam diariamente para não serem esquecidas e terem seu lugar de fala na sociedade.

Dessa forma, iniciamos a análise das características moralistas que são pertinentes ao sujeito masculino em relação à figura feminina, e como essa temática é notoriamente vista por um típico patriarca ao longo da obra *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*. Buscamos analisar as práticas expressivas que são ditadas pelo personagem Ulisses em suas falas e ordens dirigidas à personagem Lóri, considerando o viés cultural e social que permeou a época retratada na análise. É importante ressaltar que, nesse contexto, a mulher era vista apenas como um ser frágil, sem voz e sem vez na sociedade.

A escolha é de grande relevância, pois despertou o interesse pela forma psicológica como os personagens se envolvem durante a narrativa e como a mulher era vista na sociedade e cultura da época, no século XX. A obra apresenta de forma realista como as mulheres eram percebidas e moldadas pelo sujeito masculino.

Ademais, o estudo do romance é motivado tanto por razões pessoais quanto acadêmicas, pois oferece importantes reflexões para a crítica feminista. É essencial trazer à tona a representatividade feminina para entender a construção histórica do papel das mulheres, que muitas vezes foram vistas como seres inferiores e, também, submissas, limitadas ao lar e às atividades domésticas.

Esta pesquisa se torna relevante para aprofundarmos os estudos sobre crítica feminista no meio acadêmico, visando mostrar como o sujeito feminino era visto perante o sexo masculino e seu espaço determinado, tanto no meio social quanto cultural. Durante um período de tempo, as mulheres foram privadas de voz e vez, o que torna ainda mais relevante a importância de se compreender a representatividade feminina e seu papel histórico construtivo.

Dessa forma, percebemos que, ao longo da história, o papel da mulher foi moldado pelas perspectivas masculinas. O livro em questão retrata a realidade na qual as mulheres lutam para conquistar seu lugar na sociedade sem serem oprimidas pelos homens. Ele traz à tona questões psicológicas, bem como a identidade e a ação de uma classe historicamente moldada pelo

patriarcado, oferecendo um espaço para o empoderamento feminino e a voz da mulher na sociedade.

Então, para realizar este estudo, partimos dos seguintes questionamentos: como ocorre a submissão da mulher no sistema patriarcal em relação ao homem no livro *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*, de Clarice Lispector? De que forma a incapacidade da personagem feminina Lóri reflete uma perda de credibilidade diante da figura masculina? Como o sistema patriarcal é representado na obra?

A partir da problemática apresentada, delimitamos, portanto, nosso objetivo geral em: analisar a representação patriarcal na obra *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*, de Clarice Lispector, e como ocorre a relação de poder/posição referente à personagem Lóri. Assim, pretendemos identificar como ocorre a submissão do sistema patriarcal diante da figura da personagem Lóri na obra literária citada, bem como analisar de que forma Lóri perde a credibilidade perante a figura masculina, refletindo as maneiras do sistema patriarcal na obra e suas formas significativas presentes.

Metodologicamente, o nosso trabalho parte de atividades relacionadas à pesquisa bibliográfica, direcionadas pelo material e pela temática apresentada. Como aporte teórico, utilizamos materiais de diversos autores, como Beauvoir (1970), Wolff (1928), Arrais (2020), Aguiar (2000), Bourdieu (2012), Narvaz e Koller (2006), Jacome (2009), dentre outros. Além disso, realizamos uma análise do romance como *corpus* da pesquisa. A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa, não havendo necessidade de dados estatísticos para obter resultados. Nosso enfoque é a caracterização dos indivíduos em suas observações e ações. Trata-se de um processo descritivo que parte do sujeito masculino, que dita como o ser feminino deve ser moldado.

De forma sintética, esta monografia se divide em dois capítulos, os quais se subdividem em tópicos e subtópicos. Primeiro capítulo, segunda seção, retrata da presente forma submissa da mulher perante o materialismo histórico. O materialismo histórico, por sua vez, traz questões e verdades quando se trata da humanidade, e o capítulo em questão explica isso. A mulher reflete, a partir da estrutura econômica e social, o seu grau de evolução. Nesse capítulo, abordamos sobre a incapacidade da mulher diante do sujeito masculino, destacando que ela sempre foi tratada com arrogância e vista de modo inferior por ele. Segundo capítulo, terceira seção. Analisamos a personagem Lóri e a representação patriarcal, bem como a relação de poder/posição diante da figura feminina na referida obra.

Por fim, compreendemos a importância da pesquisa, partindo, assim, do modo interpretativo da obra, tendo como finalidade estabelecer significados e explicar as

contribuições representativas do trabalho para a sociedade. Essa pesquisa pode trazer uma bagagem de conhecimento de mundo e aprimoramento para o meio social e cultural, contribuindo para uma melhor compreensão da representatividade feminina e da luta contra a opressão patriarcal.

## **2 O PATRIARCADO E O MODO OPRESSOR DO SUJEITO MASCULINO SOBRE O SEXO FEMININO.**

Neste primeiro capítulo, antes de analisar a obra de forma geral, abordaremos o ponto de vista do materialismo histórico. Assim, discutimos a humanidade como espécie, a realidade histórica e a sociedade econômica e social que refletem sobre a condição da mulher, submetida ao domínio masculino.

Procederá ainda à importância da literatura brasileira feminista, na qual observaremos assim a importância dos escritos e dos modos das subjetividades presentes na obra, nos quais compreendemos a sua relevância para o meio social e acadêmico, abordando o patriarcado e o modo opressor do sujeito masculino perante o sexo feminino. Contudo, atentamos para a importância do feminismo e suas lutas para que as mulheres pudessem se encaixar na sociedade, tendo que lidar com um modo opressor patriarcal visto como algo natural para se encaixar no padrão social de forma engessada.

### **2.1 O sujeito masculino e a dominação sobre a mulher**

Como já foi abordado, a ordem imposta sobre o sujeito feminino é estabelecida pelo homem, de modo que a mulher sempre foi submetida a padrões e imposta a ser submissa ao homem, em um modo patriarcal que faz com que o homem tenha poder de denominação sobre a mulher. Isso resulta em direitos e privilégios injustos, que são perpetuados de forma fácil e são vistos com naturalidade em relação ao domínio masculino. Segundo Beauvoir (1970), o trabalho, de modo extenso, é como desbravar uma floresta para tornar os campos produtivos. Nessa analogia, o homem acaba recorrendo ao serviço de outros homens, o que reduz a escravidão. A propriedade privada aparece, e o homem se torna proprietário não apenas da terra, mas também da mulher.

O modo dominante do sujeito masculino, carrega, portanto, traços de uma violência simbólica, mas que não altera a forma de agir perante o sexo feminino, tendo em vista que, seja

como algo natural, pois no meio cultural esse modo é natural, pela determinada cultura. Tendo em vista que seja, portanto, uma forma de agir sobre o determinado sexo feminino.

A dominação masculina, como é imposta e vivenciada, tem como o exemplo de modo por excelência sobre a submissão de forma paradoxal, que resulta daquilo que chama, entretanto, de violência simbólica, tendo como uma violência suave, quando insensível, invisível, sobre suas próprias vítimas, que exerce essencial poder pelas tais vias puras de vistas simbólica, quanto de comunicação e conhecimento, ou de forma precisa de desconhecimento, de reconhecimento ou em última instância, do sentimento (BOURDIEU, 2012, p.7-8).

O poder masculino é exposto de forma nítida na submissão do sujeito feminino, e isso remete a uma violência egocêntrica, simbólica e suave, que muitas vezes passa despercebida e é invisível para o sujeito feminino. Essa violência pode se manifestar de várias maneiras simbólicas, como na comunicação e no conhecimento, e pode ser desconhecida ou reconhecida de maneira insistente pelo sujeito feminino.

Podemos perceber que o poder masculino sobre a mulher é algo que não causa impacto perante a sociedade, sendo considerado natural e pertinente ao contexto histórico e social. O simbolismo produzido pelo homem é abundante em relação à mulher, que é vista como um ser oprimido e submisso diante de inúmeros fatores.

Nesse sentido, as autoras renomadas e de sucesso buscam mostrar como a mulher é vista diante do sujeito masculino e seu modo de opressão e submissão. Durante muito tempo, a literatura foi ocupada e habitada por homens, tendo seu determinado poder e mostrando o posto de superioridade masculina. No entanto, há grandes autoras que expõem a realidade e o contexto de fato, e como ele é visto de modo geral.

O homem é pensável sem a mulher. Ela não, sem o homem. Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o “sexo” para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o essencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro (BEAUVOIR, 1970, p. 10).

Isso significa que o homem toma para si as tomadas de decisões sobre a mulher, reforçando a ideia de que os sexos são diferentes e que ele é superior. Isso leva à concepção de que a mulher é inferior e essencial em relação ao homem. Para a sociedade, o homem é um ser pensante em relação à mulher, e acaba impondo seu pensamento sobre ela de forma específica e abrangente, utilizando-se da diferença sexual como um objeto de manipulação em seu favor.

se a mulher só existisse escrita pelos homens, poderíamos imaginá-la como uma pessoa de maior importância: muito versátil; heroica e mesquinha; admirável e sórdida; infinitamente bela e medonha ao extremo; tão grande quanto o homem e até maior, para alguns. Mas isso é a mulher na ficção. Na realidade, como assinala o professor revelam, ela era trancafiada, surrada e atirada no quarto. Uma criatura estranha, complexa, emerge então (WOOLF, 1928, p. 55 -56).

Como observado no trecho acima, de modo fictício, na escrita, a mulher se torna um ser de grande valia, bastante heroica, todavia, apenas em seu modo fictício. Na realidade, de maneira geral, ela se torna um ser denominado e subjugado pelo sujeito masculino, na maioria das vezes. Na atualidade, contudo, elas vêm lutando por seu espaço no meio social e cultural.

Excluídas do universo das coisas sérias, dos assuntos públicos, e mais especialmente dos econômicos, as mulheres ficaram durante muito tempo confinadas ao universo doméstico e às atividades associadas à reprodução biológica e social da descendência; atividades (principalmente maternas) que, mesmo quando aparentemente reconhecidas e por vezes ritualmente celebradas, só o são realmente enquanto permanecem subordinadas às atividades de produção, as únicas que recebem uma verdadeira sanção econômica e social, e organizadas em relação aos interesses materiais e simbólicos da descendência, isto é, dos homens (BOURDIEU, 2012, p. 117).

Como podemos observar, as mulheres ao longo da história sempre foram excluídas dos universos mais sérios, seja no campo público, como no campo econômico. Foram oprimidas, voltadas apenas para os afazeres domésticos e para a reprodução, sendo reconhecidas somente como um objeto de posse pelo homem. Elas foram tratadas como seres voltados essencialmente para a esfera material e simbólica, tornando-se objeto de uso e satisfação dos homens.

A divisão entre os sexos parece estar "na ordem das coisas", como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas "sexuadas"), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos hábitos dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação (BOURDIEU, 2012, p. 17).

A divisão entre os sexos é estabelecida a partir da maneira como são denominados e percebidos na sociedade. Isso ocorre por meio de uma visão naturalizada, que atribui às mulheres um papel voltado para os afazeres domésticos, considerados necessariamente femininos. Essa divisão se torna enraizada na cultura e na linguagem, reforçando a concepção de que há uma diferença essencial entre os sexos.

Se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, é porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo — o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo

feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação (BOURDIEU, 2012, p. 31).

Sendo assim, se, de forma concreta, a relação sexual mostra-se dominante no meio social, é porque foi construída como um princípio fundamental na divisão da espécie humana. Nessa divisão, o gênero masculino é sempre o ativo, enquanto o feminino é passivo, expressando-se assim nas relações sexuais. Assim, o desejo masculino é o de posse, com uma conotação erótica, enquanto o feminino é o de ser objeto de desejo masculino. Essa subordinação feminina está centrada no erotismo, que possui um vasto simbolismo de poder na sociedade.

## **2.2 O patriarcado presente na condição social da mulher**

De acordo com a historiadora Joan Scott, em seu *livro Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica* (1995), o patriarcado é um sistema social e cultural em que os homens detêm o poder e dominam as mulheres em diferentes esferas da vida, como política, economia e cultura. Essa dominação se dá por meio de normas e valores que reforçam a ideia de que as mulheres são inferiores e devem se submeter aos homens.

Segundo dados da pesquisa *Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça*, realizada pela ONU Mulheres em parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) (2020), as mulheres recebem em média 77,7% do salário dos homens no Brasil, mesmo quando exercem as mesmas funções e têm o mesmo nível de qualificação. Além disso, a mesma pesquisa aponta que as mulheres negras são ainda mais afetadas pela desigualdade salarial, recebendo em média apenas 56,4% do salário dos homens brancos.

Ainda segundo o estudo, as mulheres realizam cerca de 20,9 horas semanais a mais de trabalho doméstico e de cuidados com pessoas da família do que os homens, o que acaba limitando seu tempo disponível para outras atividades, como estudo e trabalho remunerado. Esses dados mostram que, apesar de avanços em relação aos direitos das mulheres, ainda há uma forte presença do patriarcado na sociedade brasileira, o que implica em desigualdades e limitações para as mulheres em diversos aspectos da vida.

Podemos compreender que, entre as mudanças culturais que ocorreram de forma subsequente, é importante entender que em uma sociedade patriarcal, gerada no período colonial, o gênero masculino tinha o controle do poder sobre as mulheres. Elas eram vistas como objeto de valor secundário, tendo seus papéis ordenados de forma diferenciada em relação



aos homens. O gênero masculino tinha como foco principal trabalhar para sustentar a casa e sua família. Já o gênero feminino carregava consigo várias funções, tais como a de ser reprodutora, dona do lar, administradora e educadora dos filhos, entre outras (DUARTE, 2013).

Pode-se observar que a questão de gênero ainda se encontra sob uma perspectiva patriarcal, tanto na esfera pública quanto na privada. Essa perspectiva é representada pelo domínio masculino sobre as mulheres, sendo algo culturalmente enraizado e aceito como natural pela sociedade. O patriarcado é, portanto, uma forma de dominação masculina que influencia e controla a vida das mulheres de diversas maneiras (SCOTT, 1995).

O patriarcado é um conceito amplamente discutido na literatura feminista, e recentemente tem ganhado destaque no pensamento social brasileiro. No entanto, os debates intelectuais sobre o tema ainda ocorrem em tradições analíticas separadas, resultando em uma certa falta de diálogo no pensamento feminista dentro das ciências sociais. Isso acaba negligenciando a análise das relações entre homens e mulheres e aprofundando a normalização do patriarcado na sociedade (AGUIAR, 2006).

O patriarcado se tornou um dos principais conceitos abordados na produção literária do intelectualismo feminino, principalmente em tempos recentes, e vem ganhando espaço no meio social em geral. No entanto, há muita interseção nos debates intelectuais sobre o tema, que se limitam às especificidades de cada tradição analítica, o que acaba conferindo uma certa normalidade ao pensamento feminista. Nas ciências sociais, há ainda uma negligência em relação ao pensamento feminista, que poderia ser mais aprofundado nos estudos sobre as relações entre homens e mulheres.

Na literatura feminista internacional, a discussão sobre o patriarcado geralmente se concentra na existência de uma regulamentação desigual da esfera reprodutiva, que resulta em uma notável falta de equilíbrio de poder nessa instância. A presença de violência doméstica, por exemplo, evidencia que a separação entre o público e o privado é amplamente determinada por uma situação de dependência das mulheres em relação aos homens no âmbito familiar (AGUIAR, 2000).

Em outras palavras, o debate na literatura feminista internacional indica a existência de uma ausência de regulação na esfera reprodutiva, o que resulta em desequilíbrios de poder. A presença de violência doméstica evidencia a separação entre o público e o privado, que ocorre em um contexto de dependência das mulheres em relação aos homens no âmbito familiar. É importante notar que essa discussão é abordada de forma particular em cada tradição analítica, mas há pouca interseção entre os debates intelectuais, o que limita o aprofundamento do estudo das relações entre homens e mulheres nas ciências sociais.

Ainda no contexto relativamente de transformações, o feminismo, o movimento que defendia a forma igualitária dos direitos entre o homem e mulheres, ganhou uma grande força nos séculos XIX, e XX, pois o século XVII foi marcado pela desigualdade de direitos de homem e mulher. O movimento feminista encorajou mulheres a fazer denúncias, a sujeição ao qual eram mantidas e que havia manifestação em toda a esfera de vida, social, e familiar, jurídica, como também política econômica, educacional, etc. (BORIS et al, 2007, p. 459).

Durante o período de transformações no movimento feminista, as mulheres lutavam e defendiam para que fossem vistas de forma igualitária em relação aos homens. Esse movimento teve um grande marco histórico e de força entre o século XIX e XX, já que no século XVII houve uma grande desigualdade nos direitos entre ambos os sexos. O movimento feminista impulsionou ainda mais as mulheres a denunciar as manifestações de desigualdade presentes em todos os aspectos da sociedade, incluindo os âmbitos social, familiar, econômico e educacional.

Uma das maneiras que pode se compreender sobre as mudanças culturais, que são subsequentes, é entender que, em uma sociedade patriarcal, gerada entorno do período colonial, a espécie masculina tinha o controle sobre a vida da mulher, como se ela fosse seu objeto de prioridade, determinando os papéis para serem desempenhados por ela, tendo rígidas diferenças, em relação ao ser masculino. O homem carregava consigo o dever de trabalhar para sustentar sua família, enquanto a espécie feminina tinha várias funções, dentre elas: reprodutora, dona do lar, de administradora, de educadora dos seus filhos, como também nas tarefas dos escravos, o de prestadora de serviços sexuais, ao seu marido (BORIS et al, 2007, p. 456).

É possível compreender que durante o período colonial, a espécie masculina exercia um controle sobre a mulher, tratando-a como objeto de uso e manipulação, seguindo uma lógica patriarcal. Enquanto o homem se responsabilizava por prover sustento à família, a mulher era sobrecarregada com diversas funções, desde a de reprodutora e dona de casa, até a de educadora dos filhos.

A posição da mulher na família, e na sociedade de forma geral do período da colonização, até hoje demonstra que a família patriarcal foi e é uma das medidas de organização social. As mulheres brasileiras, nas primeiras décadas, entre os séculos XX, não haviam conquistado o direito civil, garantido ao homem. Precisava fazer a exigência de seus direitos de cidadã e aumentar a participação em vida pública, sendo que, em 1961, foi criado o código civil brasileiro, patriarcal parlamentarista o qual constava que a mulher, esposa, poderia trabalhar com a orientação do seu determinado esposo (NARVAL, KOLLER, 2006, p. 49).

Assim, podemos compreender que, durante o período colonial, os homens exerciam um controle total sobre as mulheres, tratando-as como objetos de uso e manipulação. Enquanto eles apenas trabalhavam para sustentar suas famílias, as mulheres tinham diversas funções, desde a

de reprodutora e dona de casa até a de educadora de seus filhos. Isso fez com que as mulheres fossem vistas como um meio de poder dos homens, perpetuando o patriarcado até os dias atuais.

Durante o século XX, as mulheres ainda não tinham conquistado um direito civil que era fundamental: o direito à cidadania, que até então era servido apenas para os homens. Foi necessário exigir e lutar por formas de garantir seus direitos, para que pudessem participar de forma mais igualitária em todos os âmbitos da sociedade, inclusive no público. Em 1961, foi criado o Código Civil patriarcal parlamentar, que permitia que as mulheres e esposas trabalhassem apenas com a orientação de seus maridos.

A instituição familiar não pode ser considerada como algo biológico ou naturalmente dado, mas sim como um produto histórico de organização entre seres humanos, fortemente influenciado pelas necessidades de sobrevivência e reprodução da espécie. Ao longo da história, os humanos criaram diversas formas de se relacionar com a natureza e entre si, incluindo diferentes modelos de organização familiar. Uma dessas formas é a família patriarcal, na qual a figura masculina é vista como detentora do poder (NARVAZ, KOLLER, 2006).

Por muito tempo na história da humanidade, as mulheres não foram consideradas sujeitos, tendo seu papel voltado para ser subjugado, sempre excluídas do núcleo social determinante, que foi ocupado essencialmente por um homem branco (JACOME, 2008).

Ademais, de acordo com os mesmos autores, as doutrinas do período patriarcal eram impulsionadas pelos interesses dos homens, buscando dominar a sociedade por meio de uma série de pretextos. Até o final do século XIX, as mulheres eram negadas o direito à educação formal, incluindo a aprendizagem da leitura e escrita em suas vidas. Dentro desse contexto, a representação de personagens femininas na literatura traz consigo marcas ideológicas específicas de gênero, nas quais a figura feminina é vista como inferior e submissa ao homem, sem voz ou vez.

### **2.3 A mulher e a opressão diante do sexo masculino**

É sabido que na sociedade há uma relação bastante comum que é vista como natural: a dominação e o poder submisso que é perpetuado pelo sexo masculino sobre a mulher. Esse comportamento opressor é influenciado pela consciência social, imposta tanto pelo patriarcalismo quanto pelo homem, que carrega consigo as ordens impostas para a mulher. Isso faz com que o poder de opressão se torne enraizado na sociedade, deixando a mulher sem voz nem vez e focada apenas no modo de comando e obediência imposto pelo ser masculino.

Pode-se afirmar que o patriarcado tem sua base em uma economia organizada domesticamente, que assegura aos homens os meios necessários tanto para a produção diária quanto para a reprodução da vida humana. Nesse sentido, é importante ressaltar a existência de um pacto entre os homens que garante a opressão das mulheres e que se fortalece cada vez mais para que os homens não percam sua posição de poder na sociedade (CAMPOS, 2020).

O modo construtivo de uma imagem de uma figura masculina se torna bastante importante para que se possa compreender como o ser masculino em si se torna, como também é um grande opressor diante da figura feminina (CAMPOS, 2022, p. 5).

Em suma, o modo como a figura masculina é construída na sociedade é bastante significativo para a compreensão do patriarcado, pois ele carrega consigo traços de um típico opressor, predominantemente voltado para o sexo feminino. Sua finalidade é persuadir, ordenar e oprimir a mulher. O homem é dirigido por ideias que o fazem sentir-se superior em relação à mulher, que é vista como um objeto utilizável em todos os sentidos para ele.

O poder de submissão é algo enraizado desde os primórdios da história, em que o homem carrega traços de uma figura histórica dominante sobre os demais seres vivos. A partir disso, o homem se apossou de uma perspectiva opressiva em relação ao sexo feminino, tornando-a seu objeto de uso. Esse comportamento opressivo é visto como algo natural e ainda presente nos dias atuais, mas as mulheres vêm lutando cada vez mais por igualdade de direitos e espaço no meio social.

As origens do mundo, assim como da humanidade, segundo o livro de Gênesis, revelam que o Deus-pai-criador é violento e autocrático, controlando o mundo e explorando seus recursos, conquistando outros povos e submetendo-os para construir a civilização. Essas ideias estão presentes desde Adão, o personagem bíblico que foi criado à imagem e semelhança de Deus, e recebeu o privilégio de dar nome a todos os seres vivos e de subjugar a terra, o céu, o mar e todas as criaturas. A mulher, por sua vez, foi criada a partir do homem, sendo vista como um produto dele (NARVAZ, .2005, p.14).

### **3 A REPRESENTAÇÃO PATRIARCAL: ANÁLISE NA OBRA *UMA APRENDIZAGEM OU O LIVRO DOS PRAZERES*, DE CLARICE LISPECTOR.**

Neste capítulo, realizaremos uma análise da obra *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres* (1988), de Clarice Lispector, como também investigar a relação poder/posição sobre a personagem. Como já vimos anteriormente, o patriarcado e a submissão feminina são questões enraizadas e transmitidas de geração em geração. Nessa perspectiva, o livro traz à tona a realidade vivida pelas mulheres e como o homem, em sua posição de poder, impõe padrões e comportamentos às mulheres, tanto perante a sociedade como em sua relação íntima. A obra, pois, retrata com fidelidade a convivência entre homens e mulheres ao longo dos séculos, com a figura patriarcal dominante e seu poder ditatorial sobre as mulheres.

#### **3.1 Clarice Lispector: E a sua voz na literatura.**

Clarice Lispector<sup>1</sup> é considerada uma escritora intimista e psicológica, mas suas produções vão além desses universos. Suas obras abrangem temas sociais, filosóficos e existenciais. Ela busca uma linguagem expressiva para relatar os estados de alma de seus personagens. Desse modo, a ficção de Lispector utiliza recursos técnicos modernos, como a análise psicológica e o monólogo interior.

As histórias de Clarice Lispector são conhecidas por não seguirem uma estrutura linear tradicional de começo, meio e fim, mas sim por transcenderem tempo, espaço e personagens. Suas obras frequentemente abordam situações e limites, principalmente e são situadas em centros urbanos.

Clarice viveu por quase duas décadas fora do Brasil e escreveu diversas cartas para seus amigos, trazendo um olhar próprio dos grandes centros urbanos. Ela faleceu no Rio de Janeiro, em 9 de dezembro de 1977, após lutar contra um câncer de ovário, um dia antes de seu aniversário. Nascida em 1920 e falecida em 1977, Clarice Lispector é um dos maiores nomes da literatura brasileira do século XX. Sua obra inovadora e altamente poética se destacou em relação aos modelos normativos tradicionais.

‘Clarice Lispector nasceu em Chechelnyk, na Ucrânia, em 10 de dezembro de 1920. Seus pais, Pinkouss e Mania Lispector, eram de origem judaica e fugiram da perseguição aos judeus durante a Guerra Civil Russa. Ao chegar ao Brasil, a família se fixou em Maceió, Alagoas, onde morava a irmã de sua mãe, Zaina. Depois de um período, mudaram-se para a

---

<sup>1</sup> Disponível em: [https://www.ebiografia.com/clarice\\_lispector/](https://www.ebiografia.com/clarice_lispector/). Acesso em 7 de fevereiro de 2023.

cidade do Recife, onde Clarice passou a infância no bairro de Boa Vista e aprendeu a ler e escrever muito jovem. Já aos 12 anos, mudou-se com sua família para o Rio de Janeiro, onde ingressou no Colégio Silvio Leite e frequentou a biblioteca com assiduidade.

Em 1940, ingressou na Faculdade de Direito da Universidade do Brasil (atual UFRJ) e começou a trabalhar como redatora na Agência Nacional. Em 1943, casou-se com o colega de turma Maury Gurgel Valente e, no ano seguinte, formou-se em direito. Em seguida, começou a trabalhar no jornal *A Noite* como redatora e cronista.

Ao longo de sua vida, Clarice se destacou, suas obras abordam temas existenciais, filosóficos e feministas e transcende tempo e espaço em suas narrativas.

Segundo Arrais (2020), a escrita do feminismo no cenário literário brasileiro é de forma subsequente. O lugar da escritora Clarice Lispector se justifica pela sua constante posição, de maneira percussora e isolada, que é cedida a ela nas letras brasileiras, como se a escritora houvesse ousado um modo normativo antes nunca tentado, em um termo simples. Houve então apagamento de escritores e escritoras antes da Lispector, que contribuiu e abriu espaço para que a brasileira surgisse. A narrativa de Clarice Lispector herda e advém de uma tradição lírica intimista e feminina que atenta e influenciou, sendo assim necessário desmitificar, em certo grau, a figura da Lispector e situá-la ao lado de grandes escritores e escritoras relevantes na historiografia literária brasileira.

Assim, voltando à discussão sobre o poder simbólico do homem em relação à mulher, Arrais (2020) afirma que "O Homem Vitruviano", de Leonardo da Vinci, foi criado em pleno Renascimento europeu e representa o equilíbrio e a harmonia clássica que provêm de um corpo culto e simétrico. No entanto, há um contraponto: a voz e o corpo feminino, frequentemente silenciados, apagados e distorcidos em diferentes formas e escalas. A mulher, presente na história e na literatura, é frequentemente trabalhada de forma discursiva pelo homem sob uma perspectiva masculina que cria um universo paralelo, o feminino.

Ainda de acordo com Arrais (2020), grandes pesquisadores e pesquisadoras carregam grupos de estudo que têm como finalidade relacionar-se com as mulheres. Em espaços acadêmicos, esses grupos propõem e discutem conceitos como gênero, sexualidade, sexismo, violência e resistência dentro do contexto do movimento feminista e até mesmo antes de toda a prática feminista. A literatura foi, por vezes, descrita apenas pelo sujeito homem, no qual a mulher era descrita de forma silenciada, pois o mesmo transcrevia o sujeito mulher de maneira opressora e apagada de modo geral. Contudo, atualmente, grandes pesquisadores e pesquisadoras têm como objeto de estudo as mulheres, que eram tratadas em meio aos escritos,

trazendo em pauta discussões de formas variadas e mostrando a realidade na qual as mulheres sempre foram vistas, subordinadas no meio literário.

Portanto, ainda que de forma passiva, é de grande relevância para uma análise interseccional reconhecer a branquitude dentro do sistema social e seus privilégios. É importante reconhecer que ela carrega consigo a falta de necessidade de denominação linguística. Em suma, para Clarice Lispector, que fala de um lugar de privilégios presentes na sociedade brasileira no século XX, o modo representacional de suas personagens mulheres confronta práticas culturais dominantes pelos modos patriarcais, por meio de níveis de consciência narrativa. Ao mesmo tempo, suas personagens representam corpos e vivências dominantes na sociedade por se tratarem de figuras da média burguesia heterossexual.

### **3.2 A representação patriarcal e o poder/posição a partir da personagem “Lóri”**

A obra *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*, de Clarice Lispector (1988), representa, por intermédio dos personagens e do enredo, um conjunto de elementos voltados de representação do real, na qual o personagem Ulisses é um típico patriarca, esse personagem, por exemplo, ordenava como a mulher tinha que se comportar perante os seus desejos, para que pudesse se tornar uma mulher incrível para ele e se entregar de corpo e alma. Desse modo, ela acaba que sendo oprimida sobre sua forma de pensar e agir para viver exclusivamente para ele.

O poder de posse, é enraizado na sociedade desde os primórdios e o livro de Clarice Lispector traz em pauta essa realidade e esses fatos. Conforme o que já foi exposto até aqui, percebemos que até hoje o machismo é algo natural perante a sociedade. Contudo, hodiernamente, uma boa parte das mulheres luta por seus direitos de igualdade e lugar de fala, sem opressão, para que a mulher seja vista de uma outra forma, sem indiferença, perante o homem e a sociedade de forma geral.

De maneira geral, na leitura de um romance fica a impressão de uma série de fatos, que são organizados em um enredo e de personagens que vivenciam esses fatos. Sendo uma impressão praticamente indissolúvel quando pensamos no enredo simultaneamente na vida que vivemos, nos problemas em que enredamos na linha do seu destino-traçada, de maneira das determinadas condições do ambiente (CANDIDO, 2007, p. 53).

Em outras palavras, ao ler um romance, temos a impressão de que vários fatores estão organizados em torno de um enredo e seus personagens, que vivenciam diferentes situações

simultaneamente. Essas situações podem incluir problemas que surgem devido às condições do ambiente em que a história se passa.

De Ulisses ela aprendeu a coragem. Na própria coragem de Ulisses estava a fé. Ulisses se agarrou à sua própria coragem para agir, e com ela se atreveu ao desconhecido. Lori tinha medo. Mas não medo de não encontrar um tesouro: medo de cair no abismo. E com uma das mãos Ulisses segurava a mão de Lori e com a outra Ulisses a empurrava para o abismo. Até que Lori tivesse que soltar a mão menos forte, e caísse. A vida é perigosa, Lori. A vida é uma aventura que exige coragem para ser vivida. A mais premente das necessidades do ser humano é tornar-se um ser humano (LISPECTOR, 2020, p. 29).

Percebemos, portanto, que a personagem era pressionada a aceitar o encorajamento e deixar tudo para trás para viver algo imaginário imposto pelo personagem. Ele tentava ensiná-la a ter fé, mas para ela isso parecia um abismo, uma imposição dos seus ensinamentos, que ela via como algo heroico, capaz de salvá-la, mas ao mesmo tempo a oprimia e a deixava presa. Durante todo o enredo, havia uma sensação de inferioridade por parte da personagem em relação ao personagem masculino, que tentava impressioná-la com sua força e heroísmo e desejava possuí-la.

No capítulo anterior deste trabalho, discutimos como a mulher na sociedade foi subjugada pelo homem, em uma dinâmica que remonta à história e que a transforma em um objeto de desejo para a espécie masculina como um todo. Em alguns trechos da obra, podemos observar que o personagem Ulisses subjugava Lóri de forma dominante, vendo-a apenas como um objeto de prazer e desvalorizando o próprio corpo dela. Vejamos a seguir:

- Lóri, disse Ulisses, e de repente pareceu grave embora falasse tranquilo, Lóri: uma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Inclusive muitas vezes é o próprio apesar de que se empurra para a frente. Foi o apesar de que me deu angústia que, insatisfeita, foi a criadora de minha própria vida. Foi apesar de que parei na rua e fiquei olhando para você enquanto você esperava o táxi. E desde logo desejando você. Esse teu corpo que nem sequer é bonito, mas é o corpo que eu quero (LISPECTOR, 2020, p. 23).

Neste trecho, podemos observar que o personagem Ulisses apresenta orientações que ele considera necessárias para que Lóri se torne alguém que segue seus ensinamentos. Ele desvaloriza o corpo dela, enxergando-o apenas como um objeto de desejo e satisfação pessoal. Ulisses, desse modo, impõe sua vontade sobre Lóri, desconsiderando sua individualidade e submetendo-a a seu desejo de prazer.

Conforme Navaz (2005), a mulher é criada a partir do homem, como se fosse um produto dele. No relato bíblico do Jardim do Éden, a desobediência de Adão e Eva em busca



do conhecimento é punida por Deus com o sofrimento do trabalho e da dor do parto. Desde então, a mulher é vista como subordinada ao homem, que detém o poder de determinar seu comportamento e modo de pensar.

Isso significa que, desde os primórdios, a perspectiva masculina tem sido dominante, determinando a forma como a mulher pensa e age em relação ao homem. Como resultado, a mulher frequentemente teve sua voz e autonomia subjugadas, sendo vista principalmente como um objeto para o prazer masculino. Dito isso, voltando à obra de Clarice, observa-se, portanto, que a personagem feminina tinha voz e vez na narrativa, pois ela tinha a consciência e resistência, mas estava sempre sob a perspectiva e o olhar masculino, o que a fazia acreditar que sua submissão era justificada. Como resultado, seu corpo e sua voz eram frequentemente desmoralizados e sua capacidade de pensar e agir de forma autônoma era suprimida, sendo vista apenas como um objeto de prazer masculino.

Essa dinâmica de poder baseada no gênero é um reflexo dos valores patriarcais que permeiam muitas sociedades ao longo da história, e ainda persistem em muitas delas. É essencial questionar e desconstruir esses valores para promover a igualdade de gênero e garantir que todas as pessoas possam ter voz e autonomia em suas vidas.

- Parece tão fácil à primeira vista seguir conselhos de alguém. Seus conselhos, por exemplo. Já agora ela falava sério: -seus conselhos. Mas existe um grande, o maior obstáculo para eu ir adiante: eu mesma. Tenho sido a maior dificuldade no meu caminho. É com enorme esforço que consigo sobrepor a mim mesma (LISPECTOR, 2020, p. 49).

O trecho aponta para a ambiguidade dos sentimentos da personagem em relação aos ensinamentos de Ulisses. Embora ela queira se libertar das amarras sociais que a limitam, ela se sente intimidada pelo modo dominante com que ele a trata e impõe suas ideias sobre ela. A personagem sente que é ela mesma quem está se colocando obstáculos e se tornando um empecilho para seguir as orientações de Ulisses, o que evidencia sua dificuldade em aceitar as imposições do personagem. Essa dualidade de sentimentos reflete a complexidade da situação da mulher na sociedade, que muitas vezes se encontra entre o desejo de se libertar e o medo de desafiar as normas impostas pelo patriarcado.

De acordo com Jácome e Pagoto (2008), a representação de personagens femininas na literatura pode trazer marcas de uma determinada ideologia de gênero, reforçando os papéis sociais das mulheres como seres inferiores e naturalizando o discurso de que, ao longo da história da humanidade, o feminino é subordinado ao masculino.

Percebemos, portanto, que na literatura as personagens são inteiramente marcadas pela ideologia de gênero, reforçando constantemente no enredo que a personagem, em seus papéis sociais, está totalmente voltada para a inferioridade, que é vista e imposta como algo natural. A partir desses pressupostos, nota-se que a personagem Lóri é retratada como um objeto de desejo, um ser que é norteado de forma geral pelo protagonista masculino para suprir suas necessidades e como ele enxerga sua forma de agir e pensar sobre ela.

O que acontecia com Lóri é que, por alguma decisão tão profunda que os motivos lhe escapavam - ela havia, por medo, cortado a dor. Só com Ulisses viera a aprender que não se podia cortar a dor - senão se sofreria o tempo todo. Ela havia cortado sem sequer ter outra coisa que em si substituísse a visão das coisas através da dor de existir, como antes. Sem a dor, ficara sem nada, perdida no seu próprio mundo e no alheio sem forma de contato (LISPECTOR, 2020, p. 37).

A personagem sentia-se como um ser prepotente, capaz de decidir o que achava melhor a partir de seu próprio ponto de vista, mas ao mesmo tempo carregava o medo de abandonar o que era proposto por Ulisses, por parecer algo natural. Ela sentia que tinha que sofrer o tempo todo, pois se cortasse os ensinamentos e desejos impostos, se sentiria perdida em seu próprio mundo. A personagem é constantemente pressionada para se encaixar em um mundo de sofrimento, alimentando o ego do personagem, que vê isso como algo natural.

Ao fazer a leitura de um romance, é possível ter uma impressão concreta de uma série de fatos que estão organizados em um enredo e dos personagens que vivem esses fatos (CANDIDO, 2007). Isso ocorre porque o romance se organiza em torno de um enredo e dos personagens que são responsáveis por vivenciá-lo, tornando assim esses fatos necessários para o entendimento da narrativa.

A nossa civilização foi marcada pela a forma do pensamento grego, no qual há fortes prescrições quanto aos determinados papéis de gênero. O modo da tradição filosófica grega teve influência sobre as representações nas relações sociais e sobre as mulheres ao longo da idade média, quanto da renascença, que chega, portanto, à modernidade (NARVAZ, 2005, p. 18).

Este trecho aponta para a ideia de que os papéis de gênero são historicamente construídos e que a mulher é vista como uma figura submissa ao homem. Desde a antiguidade até os dias atuais, a mulher carrega as influências dessas construções sociais, o que se reflete no modo como são representadas na sociedade e nas relações sociais. A filosofia grega e o Renascimento são citados como exemplos de épocas em que essas construções se manifestaram de forma mais explícita, mas essa dinâmica continua presente na sociedade atual, sendo vista como algo natural e intrínseco ao ser.

Pareceu-lhe então, meditativa, que não havia homem ou mulher que por acaso não se tivesse olhado ao espelho e não se surpreendesse consigo próprio. Por uma fração de segundo a pessoa se via como um objeto a ser olhado, o que poderiam chamar de narcisismo, mas, já influenciada por Ulisses, ela chamaria de: gosto de ser. Encontrar na figura exterior os ecos da figura interna: ah, então é verdade que eu não imaginei; eu existo (LISPECTOR, 2020, p. 17).

A personagem, ao se olhar no espelho, percebeu como o ser humano pode se surpreender consigo mesmo. Ao analisar a si mesma, reconheceu que seria imediatamente um projeto que poderia ser admirado devido ao narcisismo, ou seja, tendo um amor por sua própria imagem. Isso poderia ser uma forte influência que ela teria aprendido com o personagem Ulisses. Ela tinha um nível elevado de ser, algo extraordinário, com o ego totalmente elevado. Ela trouxe traços de uma figura interna, que passou a enxergar por meio do personagem. O narcisismo, portanto, estava infiltrado devido ao relacionamento com um personagem narcisista. Foi aí que ela passou a enxergar com um olhar superior a partir do determinado contexto.

Nesse viés, como afirma Beauvoir (1970), ela não é senão o que o homem decide que ela seja. Daí surge dizer, então, o sexo, para, portanto, dizer que ela se apresenta diante do macho como um determinado ser sexuado. Dentro dessa vertente, para o homem a fêmea se torna o sexo. Nesta perspectiva o ser mulher é decidido por meio do que ele próprio cria sobre ela, “e desde logo desejando você, esse teu corpo que nem se quer é bonito, mas é o corpo que eu quero. Mas quero inteira como a alma também” (LISPECTOR, 2020, p. 23). Seguindo a narrativa, percebemos que o personagem Ulisses enxergava o corpo da personagem feminina como algo prazeroso, com um desejo incontestável, mas, ao mesmo tempo, o menosprezava, sendo para ele apenas como um objeto de prazer.

Conforme aponta Narvaz (2005), o papel da mulher deveria ser extenso independentemente do papel do sujeito masculino. O ser masculino, entretanto, atença, como também domina, sendo um ato determinante em sua forma de agir e pensar diante do corpo feminino, desde o início quanto o fim de uma determinada relação sexual entre os dois.

Em súbita revolta ela não quis aprender o que ele pacientemente parecia querer ensinar a ela mesma aprender revolta-se sobretudo porque aquela não era para ela época de 'meditação' que de súbito parecia ridícula: estava vibrando em puro desejo como lhe acontecia antes e depois da menstruação. Mas era como se ela quisesse que ela aprendesse a andar com as próprias pernas e só então, preparada para a liberdade por Ulisses, ela fosse dele – o que é que ele queria dela, além de tranquilamente desejá-la? (LISPECTOR, 2020, p. 14).

Como mostra a narrativa, Lóri, em súbita revolta, analisou que estava precariamente necessitando de se satisfazer de algo prazeroso, e não de aprender. Sendo totalmente oprimida,

não poderia fazer nada, pois Ulisses queria, necessariamente, satisfazer os seus desejos, esquecendo os dela e colocando os dele em primeiro plano.

Segundo Campos (2020), diante da sociedade, o meio ideológico é um aspecto crucial de estruturação, pois fundamenta e motiva toda a dinâmica do modo interno do contexto social. Dessa maneira, quando o indivíduo percebe que está em um campo patriarcal, pode notar, pois, que a lógica de dominação e do dominado trata-se do motor das mais diversas relações que são estabelecidas em sociedade, “se não há coragem não se entre. Que se espere o resto da escuridão diante do silêncio, só os pés molhados pela espuma de algo que se espraia de dentro de nós (LISPECTOR, 2020, p. 35). Neste trecho, pode –se notar que se não há coragem para adentrar em um novo mundo, que é imposto perante o sujeito, não continue, fique em silêncio, mas que pode se espalhar dentro de nós mesmos.

O personagem masculino exerce um comportamento opressivo ao encorajar a personagem feminina a permanecer onde está e seguir suas ordens, sugerindo que, lendo nas entrelinhas, ela concordará com ele e compreenderá que está certo. De acordo com Campos (2020), o patriarcado é uma forma de relação social que é evidenciada pela violência contra as mulheres, que as mantém subjugadas e diminuídas, tanto externa quanto internamente. Essa violência é frequentemente considerada natural e é perpetuada por um alto grau de aceitação social.

Nessa lógica, o patriarcado é considerado natural em uma determinada relação social, com um alto grau de violência contra as mulheres. Como resultado, as vítimas são frequentemente discriminadas, altamente julgadas e diminuídas, sendo essa violência muitas vezes considerada uma parte natural da sociedade.

Querida ela a salvação? a dor fora anquilosada e paralisada dentro do seu peito, como se ela não quisesse mais usá-la como forma de viver. Mas essa precaução – vinda depois de Ulisses – não era ainda a que a salvaria: pois em lugar da dor, nada viera senão a parada da vida dos sentimentos (LISPECTOR, 2020, p. 39).

A personagem, apesar de estar sendo orientada pelo personagem masculino, percebeu que se segue seus conselhos, teria que abandonar sua própria identidade e agir apenas para agradá-lo, entregando-se completamente a ele. De acordo com Boris et al. (2007), a cultura se refere aos modos de vida de uma sociedade, incluindo costumes, comportamentos e formas de pensar que são compartilhados e transmitidos de geração em geração. Mesmo ciente de que seguir o conselho do personagem masculino paralisaria sua vida, a personagem feminina seguiu as normas culturais da sociedade patriarcal em que estava inserida. Isso sugere que o patriarcado

está enraizado na cultura e nos costumes dessa sociedade, limitando as escolhas e a liberdade das mulheres.

E pelo mesmo fato de se haver visto ao espelho, sentiu como sua condição era pequena porque um corpo é menor que o pensamento – a ponto de que seria inútil ter mais liberdade: sua condição pequena não a deixaria fazer uso da liberdade. Enquanto a condição do universo era tão grande que não se chamava de condição. A condição humana de Ulisses era maior do que a dela que, no entanto, tinha um cotidiano rico (LISPECTOR, 2020, p. 17-18).

Ainda é importante nos atentarmos de forma sucinta para o fato simbólico decorrente na narrativa. A personagem feminina se vê refletida no espelho, sentindo-se diminuída e presa aos padrões impostos pela sociedade patriarcal em que vive. Segundo Beauvoir (1970), essa visão que a mulher tem de si mesma como algo essencial e diminuído é resultado de uma construção social e histórica, e somente ela pode operar uma mudança nessa percepção e lutar por sua liberdade e igualdade de direitos. Enquanto essa mudança não acontecer, a opressão patriarcal continuará a existir, mantendo as mulheres em uma posição subjugada e impedindo-as de alcançar seu potencial pleno.

O coração tem que se apresentar diante do nada sozinho e sozinho bater em silêncio de uma taquicardia das trevas. Só se sente nos ouvidos o próprio coração. Quando este se apresenta todo nu, nem em comunicação, é submissão. Pois nós não fomos feitos senão para o pequeno silêncio, não para o silêncio astral (LISPECTOR, 2020, P. 35).

Diante disso, podemos compreender que a narradora está fazendo uma crítica à visão limitada que a sociedade tem sobre o papel da mulher e destacando a importância da luta por direitos igualitários. Ela sugere que mesmo em uma sociedade patriarcal, a mulher pode se libertar das opressões e se tornar aquilo que ela quiser ser, rompendo com os padrões impostos e lutando por seus direitos. Essa mensagem é bastante positiva e inspiradora, e pode ajudar a encorajar mulheres a se empoderarem e a buscarem a igualdade de direitos. De acordo com Arrais (2020), a divisão binária entre gêneros masculino e feminino é construída culturalmente, e é sustentada por uma ideologia patriarcal que é enraizada na sociedade. Essa ideologia impõe determinados papéis sociais para homens e mulheres, que são perpetuados por meio de valores, normas e práticas sociais. Essa perspectiva construída a partir de uma determinada cultura acaba dificultando a liberdade individual de ser e agir de forma duvidosa perante ao sexo e à sociedade, limitando as possibilidades de expressão e afirmando o controle masculino sobre o feminino.

Ulisses ouvira de testa franzida. E depois dissera: - e então você não quis mais nada. Parou com a possibilidade de dor, o que nunca se faz impunemente. Apenas parou e nada encontrou além disso. Eu não digo que eu tenha muito, mas tenho ainda a procura intensa e uma esperança violenta. Não está sua voz baixa e doce (LISPECTOR, 2020, p. 44).

É importante notar que essa atitude do personagem masculino é problemática, pois ele está tentando convencer Lóri a continuar em uma situação que a oprime, em vez de apoiá-la em sua busca por liberdade e igualdade. Isso mostra como a ideologia patriarcal pode ser internalizada pelos homens e usada para manter as mulheres submissas e silenciadas. É necessário desconstruir essa mentalidade e apoiar a luta das mulheres por seus direitos e liberdade.

De fato, a relação social apresentada na narrativa e descrita por Bourdieu (2012) é uma relação de dominação, em que o dominador exerce seu poder em nome de um princípio simbólico, que é reconhecido tanto por ele mesmo quanto pelo dominado. Essa relação, além de ser uma propriedade corporal, é também uma propriedade simbólica, que molda a maneira de pensar e de agir do dominado, de acordo com os interesses do dominador. Nesse caso, o personagem masculino exerce sua autoridade sobre a personagem feminina, visando atender exclusivamente aos seus desejos e vontades, sem levar em consideração os desejos e vontades da outra pessoa.

### **3.3 O patriarcado, o sexo feminino e a sua insuficiência diante do sujeito masculino**

Podemos compreender que o patriarcado estabelece uma relação com as mulheres, que historicamente foram submetidas e governadas pelos homens, sendo frequentemente vistas como inferiores. O homem se tornou o sujeito de superioridade em relação às mulheres. No entanto, é importante lembrar que o patriarcado é um sistema social mais amplo, que beneficia os homens em detrimento das mulheres e outros grupos marginalizados. Na narrativa do livro, a autora mostra e traz à tona como a personagem feminina se sentia como um ser impotente, inferior e insuficiente ao ser oprimida pela situação na qual estava inserida no contexto em questão. A autora Woolf, em seu texto *um teto todo seu* de 1928, afirma que se compreende, a partir dessa imensa literatura moderna, uma autoconfissão de análise e que escrever uma obra de gênio é quase sempre um efeito determinado de extraordinária dificuldade.

Woolf (1928) descreve que mesmo que uma escritora feminina transcrevesse uma obra, ela se tornaria algo extraordinário por se tratar de uma mulher escrevendo. Isso ocorre porque

existiria um grau de dificuldade associado a isso. Sabe-se que em determinada época as mulheres não tiveram espaço no meio literário. No entanto, a partir do momento em que elas se tornam presentes e mostram ao mundo sua literatura, torna-se evidente a importância de se ver como a mulher pode e consegue retratar a realidade presente perante a sociedade, bem como a forma como sempre foi tratada desde seu contexto histórico. Isso ressalta o quanto ainda é preciso superar de geração em geração.

Assim, seguindo nossa perspectiva sobre a forma como as mulheres são tratadas como seres insuficientes e oprimidos, percebemos o quanto são vistas como objetos desprezíveis diante do homem, que deseja possuí-las e torná-las submissas para que se encaixem em seus padrões e nos da sociedade. A obra que estamos analisando neste trabalho demonstra como as mulheres são privadas de voz diante dos homens e nos possibilita compreender e entender a experiência da personagem, bem como o quanto ela foi oprimida. Isso mostra claramente como o patriarcado esteve sempre presente, de modo geral.

O espaço em que uma obra literária é desenvolvida é fundamental para entender as configurações e a construção da narrativa. O espaço escolhido é capaz de fornecer informações cruciais sobre o contexto social em que a narrativa foi contextualizada, o que é essencial para compreender as ações e movimentos presentes na história. Compreender o contexto espacial da obra em questão traz reflexões importantes sobre as ações e movimentos da narradora.

Diga o que você quer que eu aprenda, disse ela com inesperada ironia. O cântico dos cânticos?

- Talvez, por que não? respondera ele mais sério.

- Você diz isso porque está pronto.

- Pronto em todos os sentidos eu nunca estarei, Lóri, eu não me engano (LISPECTOR, 2020, p. 48).

Podemos notar, neste trecho, que os personagens estão tendo uma breve discussão. A personagem feminina mostra um ar irônico em relação ao personagem masculino, enquanto, ao mesmo tempo, ela se sente insuficiente por achar que não está pronta e ele é visto como algo perfeito e pronto, sem defeitos. Neste determinado espaço, percebemos como a personagem se sentia em meio a uma discussão, como se fosse um ser frágil e insuficiente por não ser igual ao seu companheiro. Ela queria ser vista de maneira igualitária, mas acabou sendo oprimida em meio ao caos ao qual se encontrava, lutando e batalhando internamente para se tornar a mulher perfeita que ele desejava.

De acordo com Candido (2007), no romance, o escritor estabelece algo mais coeso e menos variável do que a lógica da personagem. Assim, a interpretação dos seres vivos presentes

na narrativa torna-se mais fluida e varia de acordo com o tempo e as condições da conduta. O autor afirma que, no romance em questão, a lógica da personagem é trazida à tona para que, a partir dela, possa surgir uma interpretação com mais desenvoltura, e que os elementos presentes na narrativa possam ser compreendidos de forma mais clara. A autora destaca que: “a própria Lóri tinha uma espécie de receio de ir, como se pudesse ir longe demais – em que direção? O que dificulta a ida. Sempre se retinha um pouco como se retivesse as rédeas de um cavalo que poderia galopar e levá-la a Deus sabe aonde”. (LISPECTOR, 2020, p. 39).

A personagem tinha um certo receio de ir além, de ir longe, sem saber para onde necessariamente iria, sem rumo, sem direção. O que dificultava ainda mais o modo de se entregar. Como se ela estivesse presa, com o medo sem saber em qual direção estava. Percebe-se que ela se sentia insuficiente, por se achar como uma espécie de inferioridade, de estar perdida, em um mundo totalmente voltado para o ambiente ao qual estava inserida. Isso pode ser interpretado como um reflexo das restrições e opressões que as mulheres enfrentam na sociedade patriarcal. Ela se sente inferior e presa a um papel pré-determinado, sem saber como ir além e encontrar sua própria voz e liberdade. Esses sentimentos de insegurança e opressão são comuns entre muitas mulheres que lutam para romper com as amarras do patriarcado e conquistar seu espaço na sociedade.

Beauvoir (1970) afirma que "a mulher se está perdendo, a mulher está perdida". (BEAUVOIR, 1970, p.1) Não sabemos mais exatamente se ainda existem mulheres, se elas existirão sempre e se devemos desejar que elas existam e que lugar elas necessariamente ocupam ou deveriam ocupar no mundo. Onde estão, portanto, as mulheres? A autora afirma que a mulher está sempre perdida e não sabemos se existirão mulheres por um longo período de tempo. Também não sabemos se sempre haverá mulheres e se devemos ou não desejar que elas existam. Além disso, não sabemos qual lugar específico elas ocupam ou deveriam ocupar no espaço do mundo.

Ela reconhecia com gratidão a superioridade geral dos homens que tinham cheiro de homens e não de perfume. E reconhecia com irritação que na verdade esses pensamentos que ela chamava de agudos ou sensatos já eram resultados de sua convivência mais estreita com Ulisses. (LISPECTOR, 2020, p. 18)

Ela se via como uma espécie de inferior aos homens e já se considerava algo pequeno, pois acreditava que esse sentimento era resultado de sua convivência mais estreita com eles.

A ideia é que todos homens, assim como mulheres, o que quer que seja, devemos considerar humanos. Porém, o nominalismo é uma doutrina altamente limitada, e os



antifeministas não necessariamente, não tem dificuldade de demonstrar que as mulheres não são homens. Sem dúvida alguma, a mulher é, como o homem, um ser humano (WOLFF, 1928, p. 8).

Diante do conjunto de fatores, homens e mulheres são considerados seres humanos. No entanto, desde os primórdios medievais, ambos os sexos foram limitados. Os antifeministas não veem nenhum problema nisso e afirmam diretamente que as mulheres não são homens. No entanto, as mulheres são seres humanos assim como os homens. Portanto, devemos quebrar esses paradigmas para termos uma sociedade igualitária para ambos os sexos, “mas quero inteira, como a alma também por isso não faz mal que você não venha, esperarei quanto tempo for preciso (LISPECTOR, 2020, p. 23). Para o personagem, ele esperaria, portanto, o tempo necessário, para que ela, Lóri, se entregasse de corpo e alma para ele, pois via como algo natural, tendo em vista que era par ele, um processo de aceitação.

O personagem Ulisses constantemente fazia com que Lóri se sentisse insuficiente para ele, independentemente do que ela fizesse. Ulisses esperava que Lóri o olhasse da forma que ele queria. Infelizmente, nota-se que as mulheres constantemente são vistas como insuficientes para o sexo masculino. Para reverter essa situação, as mulheres muitas vezes são obrigadas a seguir os comandos e obedecer aos homens.

Neste momento da narrativa, conforme apontado por Campos (2020), compreendemos que o pacto masculino carrega uma determinada verdade sobre um pacto social, o que gera um direito político dos homens. Esse pacto social também inclui o direito sexual dos homens sobre as mulheres, já que a lógica patriarcal impõe a submissão das mulheres aos homens. É a partir dessa submissão que surge a ideia equivocada de que os homens têm acesso amplo e livre ao corpo feminino.

Ela que tantas vezes chegara a odiar Ulisses, mesmo continuando a fazer com que ele a desejasse.

Ah! Gritou-se muda de repente, que o deus me ajude a conseguir o impossível, só o impossível me importa! (LISPECTOR, 2020, p. 24).

Em determinados momentos, a personagem chegou a odiar o personagem masculino, mas depois de vivenciar situações abusivas repetidamente, ela começou a achar que aquilo era normal e até mesmo enraizado em sua vida. Ela se tornou submissa para satisfazer seu amado, mesmo sentindo-se insuficiente diante dele.

Às vezes regredia e sucumbia a uma completa irresponsabilidade: o desejo de ser possuída por Ulisses sem ligar-se a ele, como fizera com os outros. Mas também nisso poderia falhar: era agora uma mulher de grande cidade, mas o perigo é que também

havia uma forte herança agrária vinda de longe do sangue. E sabia que essa herança poderia fazer com que de repente ela quisesse mais, dizendo-se: não, eu não quero ser só eu somente, por ter um eu próprio, quero é a ligação extrema entre mim e a terra friável e perfumada (LISPECTOR, 2020, p. 39).

A personagem, queria mais do que ela já poderia ter conquistado, algo desafiador para ela, e via isso em seu companheiro, algo a mais, que não teria encontrado em outro alguém, mas que só via nele. Mas mesmo assim Lóri se sentia completamente inútil e insuficiente quando se comparava com Ulisses e com o que fazia com os outros. Ao mesmo tempo, ela tinha medo de se entregar completamente e se tornar uma submissa permanente, apenas para satisfazer os desejos de Ulisses e os seus próprios. Ela não queria ceder somente ao desejo dele e estar ligada a ele em todos os aspectos da vida.

De modo geral, de acordo com Boris et al. (2007), o modo de vida de um grupo de pessoas em uma sociedade é moldado pela cultura em que estão inseridos, e essa cultura é construída a partir de características, reações e comportamentos comuns a todos os indivíduos. No entanto, para entender completamente uma cultura, é necessário considerar o período histórico em que ela foi desenvolvida. No caso de Lóri, sua dificuldade em se adequar ao mundo do personagem masculino pode ser atribuída à sua cultura de origem, que pode ser diferente da cultura em que o personagem está inserido. Isso pode contribuir para a sensação de insuficiência que ela experimenta em sua relação com ele.

Depois nunca mais se esquece, Ulisses. Inútil até fugir para outra cidade. Pois quando menos se espera pode-se reconhecê-lo de repente. Ao atravessar a rua no meio das buzinas dos carros. Entre uma gargalhada fantasmagórica e outra. Depois de uma palavra dita. Às vezes no próprio coração da palavra se reconhece o silêncio (LISPECTOR, 2020, p. 35).

Dentre os momentos da narrativa, percebemos o quão inútil o personagem dizia para ela mesma que era inútil, inútil fugir. O silêncio seria suficiente para demonstrar seu mais puro desinteresse caso ela desistisse de seu desafio. A personagem já se sentia insuficiente e, nessa passagem, foi tratada de maneira indiferente

Segundo Jacome (2008), o modelo da mulher que segue os padrões da cultura patriarcal é representado de forma peculiar na literatura brasileira, mostrando como o sexo feminino incorporou a cultura e naturalizou os processos de denominação e os modos representacionais das mulheres em determinadas culturas. Essas culturas são cercadas pela imagem do sujeito masculino, ou seja, a mulher não pode existir socialmente sem o homem. Sabemos que se uma mulher não seguir os padrões impostos pela sociedade patriarcal e cultural em relação ao comando e obediência impostos pelo ser masculino, ela será tratada como algo insuficiente e vista como algo indiferente não só por ele, mas também pela sociedade de maneira geral.

Sim, disse Ulisses. Mas você se engana. Eu não dou conselhos a você. Eu simplesmente acho que o que eu faço mesmo é esperar. Esperar talvez que você mesma se aconselhe, não sei, Lóri, juro que não sei, às vezes me parece que estou perdendo tempo, às vezes me parece que pelo contrário, não há modo mais perfeito, embora inquieto, de usar o tempo: o de esperar. Você sabe rezar?

- O quê? Perguntou ela em sobressalto.

- Não rezar o padre nosso, mas pedir a si mesma, pedir o máximo a si mesma?

- Não sei, se sei nunca tentei. Isto é um conselho? perguntou com ironia.

Ele se perturbou:

- Acho que foi. Esqueça o que eu disse (LISPECTOR, 2020, p. 50).

Diante da obra e da narrativa em si, percebe-se que neste trecho o personagem masculino enquadra a personagem, oprimindo-a, pois para ele os norteamentos dados estavam sendo insuficientes, uma vez que Lóri tinha medo de seguir. Nota-se, portanto, que para ele a mulher seria um ser de insuficiência caso não seguisse seus desejos, diante da opressão imposta a ela.

O homem que perpetua uma determinada relação, de um poder, que se infiltra no pensamento, realiza uma violência simbólica contra a mulher, que é composta de significações, buscando a legitimação do masculino, o que acarreta, de maneira geral, o cenário cheio de dor, vitimizandando assim, o ser, oprimindo a mulher, dessa maneira, entende-se as raízes dessa opressão, para então buscar superá-la (CAMPOS, 2020, p.3).

Isso significa que o homem que carrega consigo uma determinada relação sobre a mulher, oriunda de um poder estabelecido a partir de um viés de pensamentos, acaba acarretando uma espécie de violência simbólica. Tal violência traz como referência o modo opressor e o poder submisso, carregado de superações, buscando a todo momento a legitimação. Esse conjunto de elementos acarreta, portanto, um cenário de dor, oprimindo assim a mulher. Podemos perceber que no romance o personagem detinha o poder sobre a sua companheira, afim de ditar como ela tinha que se comportar perante a ele.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi mencionado e citado nesta pesquisa, podemos observar e relatar cada vez mais sobre a determinada vivência das mulheres e o quanto elas são oprimidas perante o sexo masculino e na sociedade em geral. Na narrativa da obra, pode-se notar o quanto a personagem feminina sofreu e foi vista apenas como um objeto de prazer pelo sexo masculino, diante dos padrões que foram impostos para ela. As mulheres, perante a sociedade e a partir do viés masculino, sempre foram vistas como objetos de prazer e satisfação, sem terem nenhum privilégio na sociedade ou sobre os homens. Elas são vistas como seres submissos aos seus companheiros. Por meio da literatura, pudemos perceber e constatar que as mulheres sempre foram oprimidas e submissas perante o sexo oposto e os padrões impostos pela sociedade.

A obra de Clarice Lispector traz à tona questões importantes sobre a opressão patriarcal e o silenciamento das mulheres na sociedade. A escritora foi capaz de expor de forma sensível e poética as dores e angústias vivenciadas pelas personagens femininas em suas obras, possibilitando uma reflexão sobre a condição da mulher na sociedade. Por meio da literatura, é possível ampliar a compreensão sobre a realidade vivenciada pelas mulheres e questionar os padrões opressores impostos pela cultura patriarcal.

Diante disso, torna-se necessário que os leitores leiam a obra com o intuito de enxergar um mundo machista existente na sociedade. Nesse trabalho, abordamos o patriarcado e o poder submisso e destacamos a importância da mulher, bem como sua opressão pelo sexo oposto em um mundo totalmente machista. Nosso comprometimento é lutar por uma sociedade justa e igualitária, onde conquistas sejam alcançadas.

Sendo assim, torna-se indiscutível que, mesmo com tantos avanços na sociedade, ainda há pensamentos enraizados que persistem até os dias atuais. Há muito a ser mudado em relação a esses pensamentos. Sabemos que a mulher tem lutado por seus direitos, buscando tratamento igualitário e lutando por seu espaço na sociedade para ser o que deseja ser. Mesmo em uma configuração patriarcal, que ainda existe, as mulheres são vistas como seres oprimidos e objetos de desejo, seguindo padrões estabelecidos na sociedade em geral.

Assim, é indiscutível que, mesmo em meio a tantos avanços na sociedade, ainda se reproduzem padrões impostos há muito tempo. Desde os primórdios, o patriarcado se faz presente, impondo submissão, opressão e transformando a mulher em objeto de satisfação sexual. A obra fictícia de Clarice Lispector apresenta-se como um reflexo da realidade em que vivemos. Por intermédio da análise literária, é possível refletir sobre as ações dos personagens

e voltar nosso olhar para o opressivo patriarcado, que ainda persiste na sociedade, sendo visto como algo normal.

O modo opressor e patriarcal, assim como o objeto de desejo, é evidente em nossa sociedade. A partir da narrativa de Clarice, analisando a personagem Lóri, percebemos esse fato e constatamos como os valores do sexo masculino perpetuam a opressão sobre o sexo feminino. Desde os primórdios, a mulher é imposta aos padrões patriarcais, sendo vista apenas como dona de casa e como alguém cuja única função é procriar para o marido. Infelizmente, a sociedade ainda é machista e essa opressão continua presente nos dias atuais.

É inadmissível, portanto, que práticas opressoras ainda sejam perpetuadas em nossa sociedade. A obra de Clarice nos proporciona a reflexão sobre como o conceito patriarcal e opressor é visto em nosso meio e como isso reflete em nossa vivência diária. É necessário que nós, como sujeitos em meio à sociedade, estejamos unidos para construir uma sociedade mais justa e menos machista, a fim de quebrar paradigmas enraizados em nossa cultura. Não podemos mais permitir que o patriarcado e a opressão às mulheres sejam considerados algo natural. Precisamos mudar essa realidade e lutar por uma sociedade mais igualitária.

Diante disso, esperamos que este trabalho proporcione uma reflexão sobre as inúmeras vozes e olhares que se voltam para as mulheres oprimidas e para o modo patriarcal ao qual foram impostas. Desejamos que novos ares sejam trilhados, para que possamos caminhar rumo a uma sociedade livre, sem sermos determinadas por estereótipos de padrões machistas. É importante que os olhos das comunidades e da sociedade como um todo estejam voltados para o contexto no qual a mulher foi imposta, com suas diversas formas opressoras patriarcais. Enquanto discutirmos e levantarmos esse tema nas comunidades acadêmicas e na sociedade em geral, estaremos resistindo a todas as formas submissas opressoras.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Neuma. **Patriarcado, sociedade e patrimonialismo**. Revista de Sociologia e Política, Curitiba, v. 14, n. 27, p. 303-309, dez. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rsocp/v14n27/a08v1427.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2023.
- ARRAIS, Cavalari. **Movidas pelo desejo de ser**: a representação dos sujeitos do feminismo em três contos de Clarice Lispector da década de 1940. 2020. 92 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2020.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Bertrand Brasil. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 160 p.
- BORIS, Eliane et al. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 451-478, set. 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2811/281121678014.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2023.
- CAMPOS, Cassius Chai. **Onde estão as raízes da opressão contra a mulher? Uma análise do patriarcado como fonte de violência do feminino**. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIREITOS HUMANOS, 2020**, [Local de realização desconhecido]. **Anais** [...]. [S.l.: s.n.], 2020. p. 1-6. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Cassius-Chai>. Acesso em: 23 fev. 2023.
- CANDIDO, Antônio et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2007. (Coleção Debates, 1). Dirigida por J. Guinsburg.
- DUARTE, F. O patriarcado presente na condição social da mulher. **Revista de Direitos Humanos e Justiça**, v. 1, n. 1, p. 12-20, 2013.
- JACOME, Pagotto. **Cultura patriarcal e representação da mulher na cultura**. Revista do Centro de Educação e Letras, Unioeste Campus Voz do Iguaçu, v. II, n. 9, p. 23-32, 2009. Enviado em 04 jul. 2008, aceito em 10 ago. 2008. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4936>. Acesso em: 20 mar. 2023.
- LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.
- NARVAZ, Martha et al. **Submissão e resistência: explodindo o discurso patriarcal da dominação feminina**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, 2005.
- NARVAZ, Martha; KOLLER, Silvia H. **Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa**. **Psicologia e Sociedade**, vol. 18, nº 1, pp. 49-55, jan./abr. 2006.

Organização das Nações Unidas. **Declaração sobre a Eliminação da Violência contra as Mulheres**. Nova York, 1993. Disponível em: <https://www.un.org/womenwatch/daw/vaw/v-elimination.htm>. Acesso em: 19 mar. 2023.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Círculo do Livro; Nova Fronteira, 1928.

#### SITES PESQUISADOS:

[https://www.ebiografia.com/clarice\\_lispector/](https://www.ebiografia.com/clarice_lispector/). Acesso em: 7 fev.2023.

<https://www.scielo.br/j/psoc/a/VwnvSnb886frZVkPBDpL4Xn/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 20 fev.2023.